

Índios já discutem a sucessão

Os índios insistem: querem a demissão já do presidente da Fundação Nacional do Índio, Otávio Ferreira Lima. Esta reivindicação, a mais importante do primeiro dia do II Encontro Nacional de Povos Indígenas Brasileiros, será levada ao presidente Figueiredo através de documento com 300 assinaturas. Para substituir Ferreira Lima, já foi apresentada uma lista triplíce, na qual são indicados o professor Dalmo Dallari, o antropólogo Carlos Moreira Neto e o ex-superintendente da Funai, Pedro Paulo Fatorelli Carneiro. A principal crítica é contra a atuação de Ferreira Lima no conflito de terras envolvendo os Txucarramãe no Parque Xingu, em São José do Xingu, Mato Grosso. A demissão de Ferreira Lima, no entanto, foi

descartada ontem pelo ministro do Interior, Mário Andreazza, ao explicar que a questão no Xingu é anterior à atual administração da Funai. Segundo ele, a solução está sendo estudada com o Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários, o Incra e o governo de Mato Grosso. Na abertura do II Encontro de Povos Indígenas, ontem, na Câmara, o deputado Mário Juruna (PDT-RJ), advertiu que a sede da Funai, em Brasília, pode ser invadida, afirmando: "Posso garantir, antes de tudo, que se houver violência contra os índios essa atitude será tomada". Muito aplaudido, Juruna exigiu a criação de um Ministério para os índios e declarou que "chegou a hora de mudar o Brasil".

Página 5

WILSON PEDROSA



Juruna (de costas) exige saída do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima

Índios pedem cabeça de Ferreira Lima

E apresentam até lista triplíce para substituir presidente da Funai

Funai pode ser invadida, avisa Juruna

A demissão imediata do atual presidente da Fundação Nacional do Índio, Otávio Ferreira Lima, foi a principal reivindicação dos líderes indígenas reunidos no II Encontro Nacional de Povos Indígenas Brasileiros, aberto ontem pelo deputado Mário Juruna (PDT-RJ), em cerimônia no plenário da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados. O documento, com cerca de 300 assinaturas, será encaminhado hoje ao presidente daquela Casa do Congresso Nacional, deputado Flávio Marçílio, para ser enviado ao presidente Figueiredo.

Para substituir Ferreira Lima, os índios apresentaram uma lista triplíce, na qual apontam o professor Dalmo Dallari, o antropólogo, Carlos Moreira Neto e o administrador Pedro Paulo Fatorelli Carneiro (ex-superintendente da Funai na gestão do engenheiro Adhemar Ribeiro da Silva, em 1979), como homens de confiança das comunidades indígenas e sensíveis à problemática do índio.

ANSIEDADES

Como é do amplo conhecimento da opinião pública — denuncia o documento —, o senhor Otávio Ferreira Lima, atual presidente da Funai, não tem correspondido às nossas ansiedades, que são principalmente no tocante à demarcação das terras indígenas e à harmonia com os demais brasileiros. Ele, Sr. Otávio, tem usado sistematicamente a força policial do Distrito Federal para reprimir comitativas indígenas que chegam até Brasília para tratar de assuntos graves de suas comunidades.

As lideranças justificaram sua reivindicação lembrando o conflito no Parque do Xingu, onde poderá ser desencadeado "um verdadeiro massacre entre brancos e índios. Tudo isso poderia ser evitado se o presidente da Funai tivesse agido com seriedade e tato nessa questão". Acrescentam ainda que "em todos os outros conflitos entre brancos e índios, a Funai tem sido a verdadeira responsável por eles. Queremos viver em paz, queremos que nossos filhos não sejam filhos do conflito, queremos ser respeitados como gente e como irmãos".

O encontro prossegue até quinta-feira. Até lá os índios discutirão o novo projeto do Código Civil, em tramitação no Congresso, que em seu artigo 3º, inciso 4º muda a condição do índio de "relativamente capaz" para "absolutamente incapaz" e ainda o projeto de emancipação do deputado João Batista Fagundes (PDS-RR); e os decretos 88.118/83, que retira da Funai a prerrogativa de eleger as áreas indígenas, e o 88.985/83, que permite o ingresso de empresas de mineração em áreas indígenas.

Intados de vermelho, cocar na cabeça e borduna nas mãos, num traje exclusivo para os dias de festa, os representantes das tribos Patáxó, Xerente e Bataiteri, que se sentaram na primeira fila da sala de Comissões da Câmara dos Deputados, conseguiram transmitir sem palavras o maior significado do II Encontro Nacional de Povos Indígenas Brasileiros: paz para negociar as reivindicações, mas união para fazê-las valer.

Esse foi o clima predominante na abertura do encontro, do qual participaram cerca de 300 índios representando 170 povos e 250 mil pessoas. Eles trouxeram várias reivindicações, mas o ponto central de suas discussões se refere à substituição do presidente da Funai. "Assim como o povo brasileiro quer eleger o presidente da República, os povos indígenas querem escolher o presidente da Funai", explicou o deputado Mário Juruna, que durante o seu discurso foi constantemente aplaudido.

Ontem de manhã, os índios decidiram realizar uma eleição simulada para escolher nomes capazes de assumir a presidência da Funai. Esses nomes serão apresentados ao presidente Figueiredo em audiência a ser marcada, mas caso ela não seja concedida, o documento será entregue por outros meios. Por enquanto ainda não se pensa numa invasão da sede da Funai, mas o assunto será discutido durante o encontro. "Posso garantir, antes de tudo, que se houver violência contra os índios, essa atitude será tomada", garantiu o deputado Mário Juruna.

Durante seu discurso, Juruna criticou as autoridades brancas, chamando-as de egoístas e invejosas por não reconhecer as autoridades dos índios. Falou sobre fome, miséria e injustiça, contra "branco pobre e índio", e, por fim, chamou o ministro do Interior, Mário Andreazza, de instrumento. "um objeto que não ama o Brasil". "Ele trata o índio como objeto, mas objeto é ele, que não tem coração, que só pensa em eleições indiretas", afirmou.

O deputado foi bastante

WILSON PEDROSA



II Encontro de Povos Indígenas foi aberto na Câmara dos Deputados

aplaudido quando pediu a criação de um Ministério exclusivo para tratar de assuntos indígenas e quando afirmou, exaltado, que "chegou a hora de mudar o Brasil. Chegou a hora do índio assumir a direção da Funai".

Discursaram ainda todos os parlamentares membros da Comissão do Índio da Câmara dos Deputados, solidarizando-se com a luta dos índios, além dos líderes do PTB, Celso Peçanha, e do PDT, Brandão Monteiro. Nenhum deputado do PDS esteve presente à abertura do encontro. Além dos parlamentares, subiram à tribuna um guarani do Paraguai, um argentino da tribo Kolla e um Quechua do Peru.

REIVINDICAÇÕES

A reivindicação que basicamente motivou a realização do II Encontro dos Povos Indígenas é a ameaça de aprovação do novo Código Civil, que está em tramitação no Congresso Nacional. No seu artigo 3º, inciso 4º, o código muda a condição do índio de "relativamente capaz" para "absolutamente incapaz", numa transformação que eles chamam de "verdadeira prurética jurídica". Isso significa que, se o Código foi aprovado, a Funai só atenderá o índio nu que não fala português. Os outros seriam considerados cidadãos emancipados — "e marginalizados pela

civilização, sem terras e sem direitos", completam os índios.

Os índios pedem também o fim da Resolução 55, que permite a Polícia Militar entrar em área indígena para resolver conflitos. Por causa dessa resolução, os índios Potiguá, da Paraíba, tiveram sua área reduzida de 26 mil para 12 mil hectares, pois alguns empresários se utilizaram desse instrumento para expulsar a tribo do litoral, onde hoje construíram um balneário turístico. O mesmo problema está enfrentando os índios Txucarramãe, no Xingu, onde 50 soldados estão envolvidos na briga de terras contra fazendeiros a pedido do governo estadual. Antes dessa resolução, somente a Funai tinha autoridade para enviar tropas policiais às áreas indígenas.

A revogação do Decreto 88.985 é outra reivindicação. Esse decreto permite que empresas particulares explorem o solo de áreas indígenas. Mas a grande esperança dos índios está na aprovação do projeto de lei do deputado Mário Juruna, que determina a reestruturação completa da Funai.

Por esse projeto, o presidente da Funai será escolhido pelas comunidades indígenas e somente atuará de acordo com um conselho formado por brancos e índios, também escolhidos pelas comunidades. Haveria ainda a

escolha dos delegados de cada região, eleitos diretamente, cada um com um conselho. Além disso, a Funai sairia responsávelidade do Ministério do Interior, passando definitivamente para a competência da Presidência da República.

TXUCARRAMÃE

Embora representados por dois índios, que na verdade moram em Brasília e não conseguiram ir para o Xingu, os índios Txucarramãe mandaram apenas uma carta explicando a ausência. Segundo eles, a Funai mandou retirar os aviões da região impossibilitando assim a sua vinda para o II Encontro dos Povos Indígenas.

Eles comentaram a difícil fase que estão passando ao exigir a presença do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, para resolver o problema das terras com os fazendeiros locais. E dão apoio a todas as resoluções que saírem do encontro, no sentido de defender os direitos do índio.

O deputado Mário Juruna informou que ontem mesmo ele solicitou verbalmente ao presidente da Câmara, deputado Flávio Marçílio, para que a Comissão do Índio vá ao Parque do Xingu ainda esta semana. Até o momento não há resposta, mas o deputado está otimista quanto ao fim desse conflito.

Impasse com Txucarramãe ainda dura

Culaba — Os índios Txucarramãe, antes de se apossarem da balsa que serve para a travessia do rio Xingu, na BR-080, adquiriram um total de Cr\$ 9,8 milhões em munições e grande quantidade de viveres, segundo informou ontem o coronel José Silvério da Silva, comandante-geral da Polícia Militar de Mato Grosso, que retorna à área de conflito hoje de manhã, na esperança de manter contatos com os índios e assim colaborar com o término pacífico do impasse.

A preocupação do coronel Silvério é muito grande, já que a alimentação e combustíveis estão escasseando no pequeno lugarejo de São José do Xingu. Prova disso foi que ontem ele recebeu um bilhete do sertanista Cláudio Romero, que pedia alimentos, remédios, combustíveis e dinheiro, conforme exigência dos índios.

Quando acabarem as reservas de São José do Xingu, praticamente no fim, os índios vão querer buscar alimentos em outras fontes, até mesmo nas fazendas da vizinhança. E aí a polícia será obrigada a intervir — disse o coronel José Silvério, que se manifestou muito cético com relação aos resultados que o novo emissário da Funai possa alcançar junto aos Txucarramãe, liderados pelo respeitado cacique Raoni, que se encontra em brenhado na selva com mais 50 guerreiros.

Nem mesmo Cláudio Romero consegue conversar com ele — disse o coronel José Silvério, lembrando que os índios não estão para brincadeira e não querem conversa com o atual presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, agora considerado inimigo dos índios.

Silvério também disse que é muito grande a apreensão dos habitantes da região, cerca de 3 mil pessoas, e acrescenta que a polícia vai tentar uma aproximação com os índios visando dar uma solução pacífica ao assunto. "Até onde, eu não sei, porque isso é da competência da Funai, mas nós estamos ali para colaborar e já até firmamos um acordo com os índios, ou seja: a polícia não vai até a reserva e nem os índios também atacam. Até agora vem sendo mantido", salientou Silvério, que comanda um total de 60 homens na área de conflito.